



## O homem absurdo em “A máquina de fazer espanhóis”

### *The Absurd Man in “A máquina de fazer espanhóis”*

Rogério Caetano de Almeida

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

rogalmeida01@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2030-7811>

Isabelle Eler

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

isapeler@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo está inserido na área de Literatura Portuguesa e objetiva analisar o absurdo no narrador-personagem sr. Silva. A análise, realizada por meio da revisão bibliográfica, parte das noções de suicídio, de Durkheim (2000), e Camus (2017), perpassando pela modernidade e pelo mal de Baudrillard (1996) para desembocar no homem absurdo de Camus (2017, 1997). A personagem de Valter Hugo Mãe pertence ao contexto do pós-salazarismo e, ao propor a análise, é possível explorar os desdobramentos do sentimento de absurdidade durante e após a ditadura de Salazar. Como resultado, averiguou-se que sr. Silva chega à noção do absurdo através do ganho de consciência histórica.

**Palavras-chave:** absurdo; suicídio; valter hugo mãe; a máquina de fazer espanhóis.

**Abstract:** This article is inserted in the area of Portuguese Literature and aims to analyze the absurd in the character mr. Silva. The analysis, carried out through bibliographic review, starts from the notions of suicide by Durkheim (2000) and Camus (2017), going through the modernity and evil of Baudrillard (1996) to end up in the absurd man, by Camus (2017, 1997). The character of Valter Hugo Mãe belongs to the context of post-Salazarism and, when proposing the analysis, it is possible to explore the events of the feeling of absurdity during and after the Salazar dictatorship. As a result, it was found that mr. Silva arrives at the notion of the absurd through the gain of historical conscience.

**Keywords:** absurd; suicide; valter hugo mãe; a máquina de fazer espanhóis.

O título do livro de Valter Hugo Mãe, *a máquina de fazer espanhóis*, por si só já engloba temas importantes para esta análise: o esvaziamento do ser, restando apenas a violência e o suicídio. O primeiro aspecto está na personificação da “máquina” e o verbo “fazer”. Baudrillard (1996) colocou essas duas palavras em relação ao pensar no fazer maquinal, tecnizado, que orbita em torno de si mesmo: o fazer é mais importante do que o ser, o estado da coisa. Essa tecnização regula e apaga, no sentido mais asséptico do verbo, o conteúdo da ação. Ser espanhol, então, é um conceito vazio e, por extensão, ser humano se esvazia de sentido, é uma espécie de não-ser. A máquina, por outro lado, funciona violenta e independentemente do resultado.

De fato, máquina e violência não estão semanticamente tão longes. A Europa do século XX e o mundo presenciaram os maiores conflitos armados da história graças à maquinaria bélica em ascensão. No núcleo dessas guerras estão regimes ditatoriais que se alastraram sincronicamente – dentre eles, o salazarismo em Portugal. Sobreviver a estes regimes é, de certo modo, sobreviver a uma máquina e, se o fazer maquinal é verbo derradeiro, a vida triturada pela máquina tende a ser vazia e mecânica. Essa máquina é descrita no livro como Portugal: “portugal ainda é uma máquina de fazer espanhóis, é verdade, quem de nós, ao menos uma vez na vida, não lamentou já o facto de sermos independentes” (MÃE, p. 184). Sem esquecer os conflitos por disputa de terras e o esforço de Espanha a anexar Portugal a seu território, este Portugal que está “quase a tombar no mar, como se cada vez mais pressionada contra a parede, a suicidar-se, cheias de saudades, remorsos, queixas e tristezas. (MÃE, 2013, p. 185)”.

Ambientado no pós-salazarismo do começo do século XXI, o livro é narrado pelo octogenário sr. Silva que, após a morte de sua esposa, Laura, é colocado pelos filhos a contragosto em um asilo. O narrador-personagem joga com seu passado e suas memórias, adquirindo uma consciência diferente da que o acompanhou durante sua vida até então. Ele parte de uma consciência reificada – análoga à dos portugueses de sua época, cuja vida adulta aconteceu majoritariamente durante o regime de Salazar – e desemboca, ao fim do livro, no ganho da consciência histórica para quebrar com a linearidade maquinal. Silva lida com a morte, a vida, o estilhaçamento, o tempo, a metafísica, a transcendência e a liberdade de modo a colocar todos esses conceitos sob sua revisão não resignada. Essa revisão é o que, por fim, possibilita-o sentir a liberdade absurda e

a revolta. Veremos, então, o caminho – aqui entendido como percurso em espiral – pelo qual a narrativa (des)constrói sr. Silva e conceitos, sobretudo o de “ser português”. Começaremos entendendo a relação entre suicídio e Portugal.

Para Durkheim, sociólogo do século XIX, o suicídio é um problema de ordem social, o que significa que toda vez que há alterações sociais bruscas, as taxas de suicídio seguem a mesma tendência. Na sua tipologia clássica, os suicídios egoísta e altruísta estão ligados à intensidade desigual com que a sociedade atrai ou repele os indivíduos – o primeiro resulta de uma individuação excessiva que contradiz a condição social humana, como afrouxamentos de doutrinas religiosas que acarretam na dispersão de um grupo e, conseqüentemente, no enclausuramento do homem em si mesmo. O segundo é consequência do oposto: ocorre quando há falta de personalidade pessoal ante a sociedade e é mais comum em sociedades orientais; os *kamikazes*, grupos de pilotos japoneses que realizaram ataques suicidas contra navios americanos e britânicos no Oceano Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, são um exemplo perfeito da força do suicídio altruísta e da supremacia social ante o indivíduo nas sociedades do Oriente.

Importante ressaltar, ainda, que Durkheim parte da premissa de que a sociedade é tema central em seu estudo não só por aproximar ou afastar o indivíduo, conforme ilustrado pelos tipos de suicídios descritos acima, mas também como um poder regulador de paixões. A esse tipo de suicídio dá-se o nome de anômico, decorrente da “ausência de normas”. É preciso que as paixões sejam limitadas pelo exterior, graças à moral, uma vez que: “perseguir um fim inacessível por hipótese é, portanto, condenar-se a um perpétuo estado de desconhecimento” (DURKHEIM, 2000, p. 314). O sociólogo observa que os homens limitam seus desejos consentida e resignadamente, pois, se se acreditassem capazes de transpassar o limite, tal limitação não faria sentido. O indivíduo é responsável pelo desenvolvimento futuro e pelas suas paixões, e a quebra dessa ordem social – seja benéfica ou maléfica, econômica ou familiar – acarreta na necessidade de readaptação. Portanto, qualquer falha ou dificuldade demasiada de readaptação leva ao suicídio. Assim, uma guerra e uma viuvez abrupta teriam ambas um impacto desnorteador para o indivíduo, levando-o a carregar nas costas, sem freio algum, o peso de sua liberdade profundamente desprovida de futuro.

Tanto sr. Silva quanto Portugal experienciam essa liberdade. O primeiro sente essa tônica quando sua esposa morre: “eu e minha mulher morta que se demitia de continuar a justificar-me a vida e que, abraçando-me como podia, entregava-me tudo de uma só vez” (MÃE, 2013, p. 21). Durante sua vida, sr. Silva exerceu o papel mecânico de marido, pai e cidadão de modo que sob essas facetas, ali alicerçando-as, estava o papel de máquina, o não-confrontamento em prol da sobrevivência, que paradoxal e violentamente triturou sua humanidade. Ver a morte das máscaras mais superficiais (trabalhador, ao aposentar-se; pai, ao distanciar-se dos filhos adultos e independentes e marido, ao perder Laura) deixaram-no a sós com seu eu maquinal, com seu “tudo”.

Quanto a Portugal, o personagem Cristiano Silva – apelidado pelo narrador-personagem de “silva da europa” –, logo no início do livro, define o sentimento português da independência vazia:

é o que fez a liberdade, acrescentou. um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos, e **podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada** é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, **porque parece que já nem é preciso pensar** (MÃE, 2013, p. 11, grifo nosso).

Essa aparente banalização do pensamento justifica-se pela sociedade que, tolhida pelo medo e censura comuns em regimes ditatoriais, reificou-se e, ao fim do regime, desembocou em um vazio, no conceito vão de pátria. Durkheim afirma que o poder, aquele responsável pela manutenção das paixões, deve ser obedecido por respeito e não por medo. Assim, na ditadura, a ordem é depósito vazio de todos os medos, esperanças e falhas da humanidade e após a ditadura, quando o povo é liberto de Salazar, é tônica a noção de que Portugal está livre. Ao indivíduo maquinizado cabe ser depósito vazio de sua própria humanidade. Já a liberdade portuguesa é, então, conceitualmente estruturada junto à noção do Bem, mesmo que no fundo ainda reverbere um gosto de violência banal, “como se nada fosse, porque nada é” – sentimento compartilhado pelos personagens do livro, mesmo que mais ou menos conscientes do quão presente Salazar ainda é em suas vidas. A bondade, portanto, é uma

das máscaras que sobrepõe a humanidade portuguesa, o que Cristiano Silva chama de “o fascismo dos bons homens”.

De fato, a ascensão do salazarismo nos primeiros anos que chegou à grande população principalmente, conforme as lembranças de sr. Silva, pelo futebol, fez com que houvesse “um salazar em cada família”: “ainda hoje ouço os velhos comentarem que o paizinho fez tudo para que o benfica personificasse a glória da nação, era como ter um exército do desporto” (MÃE, 2013, p. 81). A maquinização, o suicídio e o fascismo estão evidenciados nos portugueses que abdicaram de sua individualidade em prol de conceitos como “vitória”, “pureza”, “bem”, “sacrifício” e “honra”:

porque estávamos comprometidos em sociedade, por todos os lados cercados pela ideia de sacrifício, pela crença de que o sacrifício nos levaria à candura e de que a pureza era possível. iámos ser todos dignos da cabeça aos pés. tínhamos ainda a palavra de honra (MÃE, 2013, p. 82).

Esse sacrifício fez com que eles se tornassem peças a favor de algo cuja natureza parece irrelevante. O que importa, sobretudo, é a função de viver, a razão de viver. Albert Camus, em *O Mito de Sísifo* (2017), evidencia o problema do suicídio exatamente em decorrência de sua correlação com a razão. Para o filósofo, há os que se suicidam por não mais acreditarem que a vida vale a pena, contraditoriamente reconhecendo como verdadeiros dois pólos opostos: a ausência de qualquer motivo para viver e a certeza de que a vida tem sentido. É possível vislumbrar os que se utilizam da mesma razão para um outro tipo de suicídio, ainda em vida: “deixam-se matar pelas ideias e ilusões que lhes dão uma razão de viver (o que se denomina razão de viver é ao mesmo tempo razão de morrer)” (CAMUS, 2017, p. 19).

A vontade de alcançar o inalcançável (a pureza) pelo sacrifício, para agarrar-se a uma razão para viver, acarreta na maquinização e no suicídio em vida – aqui tomados como sinônimos. A maquinização é também a repetição de conceitos à exaustão, até que orbitem todos no vazio. Isso é evidenciado na frase “como se nada fosse, porque nada é”, falada por “silva da europa” no primeiro parágrafo do livro. Baudrillard afirma que na modernidade o conceito que passou pelo aniquilamento do seu conteúdo: “para que algo transite melhor e mais depressa, é preciso que o conteúdo esteja no limite de sua transparência” (BAUDRILLARD,

1996, p. 56). No livro, há o português apátrido, a bondade violenta, o fascismo normatizado pelo seu aparente desaparecimento. O regime acaba, mas a violência opressora não.

O lar “feliz idade” é violento de diversas maneiras. Tem nome agressivo principalmente para sr. Silva, que é lá colocado após perder Laura e para quem, na posterioridade da perda, a felicidade é incabível. As fotos de sua esposa lhe são retiradas para que sua dor não fosse cultivada, na violência de se tolher o luto. A ele cabe somente a espera dentro de um quarto pequeno que “é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício” (MÃE, 2013, p.23). O quarto dá vista para uma pequena praça com pássaros e crianças, reiterando a ideia de felicidade, enquanto os quartos da outra ala dão vista para o cemitério por serem ocupados por utentes que não conseguem caminhar. Assim, a violência também se agrava no fato de que, ocasionalmente, sr. Silva será movido para um desses quartos – é a violência da espera: “quando, por fim, me levantei, estava a anos-luz do homem que reconheceria, e aprender a sobreviver aos dias foi como aceitar morrer devagar, violentamente devagar” (MÃE, 2013, p. 21).

Essa espera é injusta se pensarmos o tempo linearmente, com a morte como fim, destruição que atesta que a máquina perdeu sua serventia. É injusta se contraposta à eternidade:

casar, amar, comer, ter filhos, viver para sempre. não morrer. nunca morrer, nem deixar ninguém morrer. ninguém do núcleo fundamental, claro está. não deixar nunca que isso aconteça, de outro modo, tudo desmorona e a luta foi um fracasso (MÃE, 2013, p. 172).

Sua vida só teria feito sentido se tudo fosse eterno, se fosse de fato uma engrenagem da máquina à qual a falha é proibida. A proibição do fracasso também é violência no sentido asséptico que o lar tem para o narrador, que foi colocado em um lar de paredes brancas, cuja brancura remete ao “vazio mais intenso do céu” (MÃE, 2013, p. 25). Essa assepsia trata os idosos como engrenagens sujas, que não servem mais à máquina e que devem ser limpas, purificadas, para enfim ao vazio pertencerem totalmente.

No caminho para a assepsia total, o utente Esteves, ao completar cem anos, é levado ao quarto que dá vista ao cemitério e relata a violência

que sofre à noite: “fico a achar que existem máquinas que nos tiram a metafísica (...). parece que me vão tirar a metafísica para me enterrarem depois correspondendo ao poema”<sup>1</sup> (MÃE, 2013, p. 138). Essa violência premeditada é uma alegoria de uma vida vã, como qualquer outra que, quando ganha tal consciência se sente, de alguma maneira, violentada. A consciência que acorda de seu sono apenas para contemplar a falha e a impossibilidade de significar, de ser um todo.

A brancura do lar também permite que sr. Silva perceba o tempo e ganhe consciência de sua percepção linear até então. Primeiro percebe-se sujeira entre as paredes limpas, sente sua velhice como sujeira no mundo maquinizado. Então, percebe-se no tempo:

preparem-se sofredores do mundo, o tempo não é linear. o tempo vicia-se em ciclos que obedecem a lógicas distintas e que se vão sucedendo uns aos outros repondo o sofredor, e qualquer outro indivíduo, novamente num certo ponto de partida (MÃE, 2013, p. 105).

O tempo que o acorrenta é revisado analogamente à morte que o espera: “se o tempo não é linear, a morte não é unidirecional” (MÃE, 2013, p. 145). A espera desesperançada pela morte intermitente é o que o faz transcender o conceito de tempo pelo próprio tempo – a queda da linearidade e a percepção do tempo como espiral, como cerco. Ele repõe o sofredor no mesmo ponto de partida, *sisificamente*.

No Mito de Sísifo, o homem mítico, de tanto ansiar ser eterno, fora castigado a rolar eternamente uma rocha penhasco acima, somente para vê-la, ao fim do trajeto, despencar até o solo. Esse esforço despendido não tem finalidade alguma e, por um sentido, pode ser uma máquina cujo fazer sobrepõe o produto. Essa máquina de sucessividade nas ações, paradoxalmente – e aqui é importante salientar que o paradoxo é o norte do absurdo camusiano e, conseqüentemente, deste trabalho – transcende a si mesma quando se conscientiza de sua inutilidade.

Na noção linear do tempo, o “passado apenas é uma série de etapas atravessadas com impaciência” (DURKHEIM, 2000, p. 326), e quando essa ilusão se esvai, o indivíduo “não tem mais nada, nem atrás

---

<sup>1</sup> “Esteves sem metafísica” foi um personagem importado por Mãe do poema “A tabacaria”, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Na passagem, “tirar a metafísica” pode ser compreendido como tirar a essência/humanidade de alguém.

nem à frente, em que repousar o olhar” (DURKHEIM, 2000, p. 326). Já na noção do absurdo, abordada por Albert Camus em *O Mito de Sísifo* (2017), o tempo é colocado integralmente no presente, no cerco, através do indivíduo que “desaprendeu a esperar. (e) Esse inferno do presente é finalmente o seu reino” (CAMUS, 2017, p. 58). Assim, não há mais espera à recompensa final, como se o trabalho laborioso da máquina levasse à vitória. Pelo contrário, o argelino entende que a falha é o único jeito de prosseguir, porque “mesmo humilhada, a carne é minha única certeza” (CAMUS, 2017, p. 90).

Camus entende a importância da falha porque ela está, de certa maneira, atrelada ao suicídio. Para ele, o suicídio é o único tema filosoficamente sério: se o confronto eterno entre o ser e o mundo é suficiente para levar alguém à conclusão de que sua vida não vale mais a pena ser vivida. Assim, “morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento” (CAMUS, 2017, p. 20). Suicidar-se, então, é perceber a irracionalidade do mundo, sentir o absurdo. Consequentemente, considerar o suicídio é também considerar o fim do absurdo, o que Camus coloca como o elo entre o indivíduo e o mundo. A noção do absurdo, dessa forma, é defendida pelo filósofo por representar a escolha de sustentar a absurdidade do mundo; a escolha de prosseguir a partir da consciência de que o indivíduo, ciente de sua racionalidade, precisa entender o mundo como irracional.

O autor de *A Peste* escolhe o Mito de Sísifo como alegoria de sua filosofia porque vê em Sísifo, contraditoriamente, a felicidade: do alto da montanha, enxerga a rocha rolando abaixo e, nesse momento, é senhor de seu Destino. Sísifo é, para Camus, o “homem absurdo” porque é um indivíduo ultrarracional – que não deposita sua vida nas mãos do Divino; apaixonado pela vida – pois sabe que ela é seu bem maior e deve ser vivida ao máximo; desesperançado, mas não desesperado – diferença que enfatiza a paradoxal compreensão de que o mundo é incompreensível – e, principalmente, é um indivíduo contraditório. Essa contraditoriedade está enraizada na percepção de que a vida é absurda, mas que há algo nessa absurdidade que vale a pena ser vivido. Assim, a constatação da incoerência absurda não é finalidade, e sim o ponto de partida para a felicidade – se o mundo é absurdo, carente de sentido, a reação lógica seria o suicídio, mas, ao negá-lo e contradizer a lógica,

dizendo simultaneamente sim à vida e à morte natural, o homem absurdo encontra a revolta, a liberdade e a felicidade:

Antes de encontrar com o absurdo, o homem cotidiano vive com metas, uma preocupação com o futuro (...) Avalia suas possibilidades, conta com o porvir, com sua aposentadoria ou o trabalho dos filhos. Ainda acredita que alguma coisa em sua vida pode ser dirigida. Na verdade, age como se fosse livre, por mais que todos os fatos se encarreguem de contradizer tal liberdade. Depois do absurdo, tudo fica abalado (CAMUS, 2017, p. 61).

O que abala é justamente a perda de seriedade que a vida adquire perante a iminência da morte. Todas as consequências de seus atos somente a ele pertencem, e devem ser consideradas com seriedade, pois é ele próprio quem pagará o preço – o conceito de culpa morre, abrindo espaço para a responsabilidade e aceitação de seu destino.

Sr. Silva, liberto de seus papéis – estando a sós apenas com seu eu maquinal –, conscientiza-se da morte em curso, seu destino, e consegue chegar à liberdade paradoxal, a única possível. Percebe o tempo como empecilho para seu livre-arbítrio total e, conforme dito, percebe-se no cerco do tempo. Assim que entra no lar, em seu luto profundo, sr. Silva começa a sonhar com abutres que lhe comiam o corpo:

subitamente debicavam-me o corpo e eu ia permanecendo vivo e, até não ter corpo nenhum, a consciência não me abandonava. eu agonizava por achar que a morte não dependia do corpo, condenando-me a padecer aquela espera para todo o sempre (...). era uma luz imprecisa que parecia forçar o espaço para ser iluminado (MÃE, 2013, p. 37).

A espera desesperançada, junto com a luz imprecisa de seu quarto, é o que posiciona-o no “inferno do presente”, termo que Camus utiliza para designar a jornada de Sísifo. Nesse sentido, sua estadia no lar é sísifca. Imerso em sua profunda revisão dos conceitos, mesmo que a contragosto, percebe que o passado é presente e o presente é futuro do passado. O passado é presente pois é constantemente revisado e está fresco na memória, ao mesmo tempo que sr. Silva ainda vê em si resquícios de Salazar. O presente é futuro do passado porque o narrador ressignifica sua percepção do regime salazarista: percebe-se como um antigo conservador que se achava liberal, e torna-se de fato liberal ao

questionar seu antigo liberalismo. Esse “tornar-se liberal”, no entanto, não condiz com o conceito de ser liberal – já que a liberdade conceitual, conforme vimos, é aprisionadora. O foco narrativo, por sua vez, também vai ao encontro dessa mesma lógica: intercala-se entre o pretérito perfeito narrado no pós-salazarismo: “puseram-me no lar com dois sacos de roupa [...]” (MÃE, 2013, p. 23) e o pretérito imperfeito, quando sr. Silva estava dentro do regime: “(...) eu era um homem educado (...)” (MÃE, 2013, p. 105). O narrador-personagem transita entre esses passados para, apenas no último capítulo, conseguir se colocar no presente do indicativo. Assim, sr. Silva se movimenta rumo à liberdade dentro de sua própria percepção. Movimento de esclarecimento importante para que um fenômeno negativo – ditadura, por exemplo – não se repita por semelhança.

Antônio Silva foi barbeiro durante o período da ditadura, que começou concomitantemente ao seu casamento com Laura. Devido às “heranças castradoras” de sua educação marcada por missas, o casal oficializou sua união na igreja, a qual frequentou até a morte de seu primeiro filho, natimorto. Após a tragédia, que sr. Silva considerou injustificável, o casal afastou-se do catolicismo: “esperar por deus é como esperar pelo peter pan (...). e aprendi, no dia em que perdemos nosso primeiro filho, que estávamos sozinhos no mundo” (MÃE, 2013, p. 83). Porém, essa libertação do conceito de providência divina não os impediu de virar engrenagens: “eu achei que acima de tudo era um homem educado (...). foi o que me levou de problema em problema a superar o que fosse preciso sem culpar ninguém, sem confrontar ninguém” (MÃE, 2013, p. 105). O não-confrontamento foi o estado ideal para sobreviver ao regime, mesmo que a sobrevivência, paradoxalmente, tenha resultado no sacrifício de sua humanidade. O episódio que aclara essa morte, levado à consciência e à revisão, é o do homem avesso ao regime que sr. Silva aceitou refugiar em sua barbearia, num ato de “rebeldia”, apenas para, anos depois, dedurá-lo para a polícia: “se não senti culpa nem remorso, foi porque a vida era assim, feita para ser assim e eu e a minha laura vivemo-la linearmente, com um juízo de cada vez” (MÃE, 2013, p. 182) (grifo nosso).

A percepção de que passou sua vida como máquina, acreditando no eterno, mesmo sem crer em Deus, assim como a consciência da morte como multidirecional, principalmente a morte de sua esposa, é o que coloca sr. Silva como homem revoltado, um dos desdobramentos do homem absurdo camusiano. De acordo com Albert Camus, a revolta nasce quando o indivíduo adere a uma parte de si mesmo: Por mais confusa que seja,

uma tomada de consciência nasce do movimento de revolta: a percepção, subitamente reveladora, de que há no homem algo com o qual pode identificar-se, mesmo que só por algum tempo (CAMUS, 1997, p. 18).

Essa revolta, a noção de que há algo no indivíduo que “vale a pena”, não é egoísta. Mesmo que nasça de uma experiência individual – como a morte de Laura para sr. Silva –, a revolta reverbera na percepção de não se estar sozinho no mundo, a percepção de que o sofrimento é coletivo. Camus afirma que “Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é a aventura de todos” (CAMUS, 1997, p. 27). Essa aventura coloca a vida como o único valor possível, e se revolta contra a criação: o indivíduo, em um movimento blasfemo, coloca Deus como homem para “denunciar Deus como pai da morte e do supremo escândalo” (CAMUS, 1997, p. 29). É por isso, então, que Camus chama de metafísico esse movimento de revolta, porque ela “é o movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e contra a criação” (CAMUS, 1997, p. 29). Na obra, esse movimento de revolta metafísica, que também é parte do processo de ganho de consciência histórica, é ilustrado na imagem de “mariazinha” e nos laços de amizade que sr. Silva faz no Feliz Idade.

Nos primeiros dias de estadia no lar, o narrador-personagem recebe uma estatueta da Nossa Senhora de Fátima: “uma santa toda mãe de deus e não sabe de nada, não faz nada. perde-se na brancura das paredes em que nos perdemos todos” (MÃE, 2013, p. 49). A santa não pode fazer nada para atenuar seu luto, mas, ao apelidá-la de “mariazinha” e desintegrá-la de seus pássaros e sua nuvem, sr. Silva, assim como o homem revoltado, destitui a santa de sua posição de divindade para falar-lhe humanamente. Para Camus, “A revolta fragmenta o ser e ajuda-o a transcender” (CAMUS, 1997, p. 20). Ao se perceber como parte de um coletivo que sofre, o indivíduo fragmentado transcende no outro – o que faz a solidariedade humana ser metafísica. Analogamente, o barbeiro, ao fragmentar a santa de suas pombinhas, também lhe atribui humanidade, transcendendo-a e transcendendo-se nela. Ele enxerga “mariazinha” como pessoa, tão solitária que só se torna útil para lhe fazer companhia. A humanização da Nossa Senhora, então, é a revolta que toma consciência da coletividade de seu sofrimento. Se o filósofo argelino entende que o único modo de transcender é humanamente, a partir da fragmentação que se enxerga e reconhece no outro, a percepção que sr. Silva tem de que

seu luto e sua velhice são compartilhados por todos os utentes do lar é também sua paradoxal progressão como homem absurdo.

ligados uns aos outros pelos destinos tão inevitáveis e equiparados que agora cumpriam (...), tão na extremidade da vida eram todos a mesma coisa, um conjunto de abandonados a descontar pó ao invés de areia na ampulheta pouca do tempo (MÃE, 2013, p. 28).

Além da velhice, do destino e do abandono, outro ponto comum que liga os idosos que residem no lar “uns aos outros” é o sobrenome. Das personagens cujo nome completo é revelado, todas possuem Silva no sobrenome: António Jorge Silva (sr. Silva), Cristiano Mendes da Silva (Silva da Europa), Álvaro Silva Pereira (sr. Pereira), João da Silva Esteves (Esteves sem metafísica) e Anísio da Silva (Anísio). O Silva da Europa, apelido atribuído por Sr. Silva, é o mesmo homem que conversa com o narrador no hospital. Diz que: “somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas. somos silvestres, disse eu (...)” (MÃE, 2013, p. 12). São silvestres como o mato, presentes em todos os lugares na liberdade da proliferação – grandeza e pequenez, simultaneamente. A respeito do Silva da Europa, essa personagem é marcada no livro por ser vinte anos mais nova que as demais e ir para o Feliz Idade por escolha própria. Silva da Europa é também dono dos discursos antifascistas que, apesar de incomodarem o narrador, fazem-no reavaliar melhor o passado.

A amizade de todos os Silvas, construída com o passar do tempo no lar, representa os dois modos como a metafísica é tratada no texto: a platônica e a revoltada.<sup>2</sup> A metafísica platônica é ilustrada pela personagem Esteves (sem metafísica), importado do poema “A Tabacaria”, do heterônimo pessoano Álvaro de Campos. Sr. Silva conhece Esteves e é comunicado que o idoso nonagenário é o mesmo exposto pela voz lírica de Pessoa. O autor reconstrói essa personagem, também um Silva, para lhe atribuir profundidade – Esteves é explorado como personagem redonda que sofrera muito em sua juventude e, se não pensava demasiado, era para que “o futuro lhe parecesse possível”

---

<sup>2</sup> A metafísica platônica é tradicionalmente conhecida como a procura da verdade absoluta, transcendental e fora do indivíduo e do mundo material. Já a revoltada, enfoque deste trabalho, é explicada por Camus como sendo o indivíduo averiguando no outro que há algo na humanidade que a une. É o sofrimento e a condição humana.

(MÃE, 2013, p. 69). Essa profundidade chama a atenção de sr. Silva, que coloca Esteves como “a melhor senhora de fátima do lar. (...) a laura, se fosse viva, desmaiaria de tanta emoção” (MÃE, 2013, p. 53). O desejo de contar a Laura sobre sua descoberta é prova da importância que Esteves tem, para sr. Silva, na substituição de um motivo para continuar a viver, apenas para vê-lo aluir com a morte de Esteves:

o esteves foi um delírio, doutor bernardo, que estupidizei a minha de acreditar que fora uma personagem de pessoa, uma personagem tão fictícia quanto possível. era uma fantasia e eu só caí nela porque queria tanto encontrar algo que me sustentasse diante do sol (MÃE, 2013, p. 180, grifo nosso).

No momento em que adquire consciência de estar novamente sozinho e sem motivos para continuar, admitindo que Esteves era seu amparo, é que o narrador mergulha ainda mais em sua jornada rumo à metafísica absurda. Conscientemente escolhe crer em Esteves, como em um salto paradoxalmente inverso ao salto metafísico descrito por Camus. Sr. Silva escolhe acreditar no homem:

eu decido (...) que o esteves era um homem correcto e nos contou a verdade. eu decido assim, senhor pereira, porque prefiro não passar o resto da vida a achar que não conheci ninguém tão incrível como o esteves e que fui apenas um ingénuo tolo. (MÃE, 2013, p. 182)

A metafísica revoltada do homem que transcende no outro também é ilustrada quando, após a morte de sr. Pereira, um dos melhores amigos de sr. Silva no lar, o narrador lhe entrega uma nuvem, tirada de “mariazinha”, para lhe dar o céu: “se não existir céu, senhor pereira, já aqui tem o que lhe ofereço” (MÃE, 2013, p. 238). Sr. Silva compartilha sua divindade, que é apenas uma parte de si. A divindade do indivíduo que transcende no outro – não no nada (niilismo), nem no todo (metafísica platônica).

A transcendência no outro também pode ser interpretada textualmente no livro. O uso das minúsculas, que marca a tetralogia à qual o romance pertence,<sup>3</sup> é também a humanização das palavras. Não há maiúsculas em nomes próprios, no início de períodos nem em citações, como se sr. Silva trouxesse todos os conceitos para perto de si para

---

<sup>3</sup> As obras que formam a tetralogia são: nosso reino, o remorso de baltazar serapião, o apocalipse dos trabalhadores e a máquina de fazer espanhóis.

revisá-los como iguais. Salazar é descrito em minúsculas, atestando sua não-importância; a noção de começo de frase vacila, insinuando o eterno presente; as citações dos outros estão incorporadas ao próprio discurso de sr. Silva. Essa incorporação é explicitada pela escolha de Valter Hugo Mãe em, no discurso direto, não utilizar travessões ou outros recursos gráficos que dividam as falas dos interlocutores.

Todos os Silvas, dentro de suas crenças – sr. Pereira é agnóstico, enquanto Anísio é cristão devoto –, lutam contra a maquinização, no livro também entendida como a perda da metafísica, da essência. A metafísica, no entanto, não é recuperável, fazendo com que suas lutas sejam vãs. A diferença é que a consciência também constata essa impossibilidade, acarretando na libertação, a liberdade paradoxal, conforme vimos. Sr. Silva se liberta na negação e destruição dos conceitos, mas não na negação absoluta de tudo. A revolta, conforme já dito, faz com que ele valorize a vida dos demais utentes e a gratuidade dos dias:

eu sabia bem o que isso era. o que era ultrapassarmos as dores até que os dias, só por si, começassem a parecer valiosos o suficiente. até chegarmos a um momento em que a luz do sol nos parece uma dádiva inestimável e vale a pena viver apenas para fazermos a fotossíntese das tardes, melhor ainda com uma conversa despreocupada com os colegas. (MÃE, 2013, p. 146)

Sr. Silva encontra a felicidade sísifca, e o asilo Feliz Idade, paradoxalmente, incorpora a violência da espera maquinal e a felicidade absurda do narrador-personagem. A partir da percepção do fracasso, o barbeiro integra ao presente seu passado e seus arrependimentos de modo com que todos fluam juntos na espiral do eterno presente. Isso permite que o utente se agarre ao resto de vida que tem. Ele crê no homem, mas não como cria no início da obra: “não acredito em deus, respondi-lhe, chegam-me os homens” (MÃE, 2013, p. 12). Ele conscientemente escolhe crer no homem:

e eu respondo, só acredito nos homens. finalmente, só acredito nos homens, e espero que um dia se arrependam. bastava-me isso, que um dia genuinamente se arrependessem e mudassem de conduta **para que fosse possível acreditarem uns nos outros também. mais do que isso, sinto apenas angústia** (MÃE, 2013, p. 250, grifos nossos).

Sr. Silva é ciente de que não vai recuperar sua metafísica, porque não há o mundo ideal platônico, há apenas o mundo real e a Portugal real, que é a Portugal do fascismo, onde existe um Salazar em cada família. O fascismo está em tudo, espalhado em fractais, inclusive nos próprios portugueses. Mas sob e sobre, paradoxalmente, a falha, está a vida como valor absoluto:

um homem preso pelo regime e outro acusando-o, e eu era nem um nem outro, e a vida continuava **como se nada fosse** porque ao fim de cada dia encontrava a minha laura à espera de aquecer a sopa. (...). (MÃE, 2013, p. 175, grifo nosso).

A frase “como se nada fosse”, que aparece no começo da obra no discurso do Silva da Europa na forma de “como se nada fosse, porque nada é”, é repetida por sr. Silva, durante a revisão de sua vida, sem a segunda metade. Há algo que “é”, a vida. A ode à vida, ao hoje, também aparece através do foco narrativo. O narrador só utiliza o presente do indicativo ao fim do livro, ao descrever como se encontra: “na manhã seguinte, hoje, abertas as portas, entra uma luz pacífica pelo quarto e eu estou bem” (MÃE, 2013, p. 249). Essa frase, por si só, é absurda porque sr. Silva se sente feliz no momento em que está mais próximo à morte. É uma frase edípica, no sentido de que:

A felicidade e o absurdo são dois filhos da mesma terra. São inseparáveis. O erro seria dizer que a felicidade nasce forçosamente da descoberta absurda. Acontece também que o sentimento do absurdo nasça da felicidade. “Acho que tudo está bem”, diz Édipo e essa frase é sagrada (CAMUS, 2017, p. 124).

A frase positiva, em contexto trágico, revela que sr. Silva, por fim, encontrou a felicidade absurda através do ganho da consciência histórica e não deseja recuperar sua metafísica, aquela que há muito se perdeu. De fato, ele entende que a sua vida está apenas no agora e que, mesmo à beira da morte, ele está pronto para levar o tempo e para levar a vida a sério.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos*. 3. ed. Campinas: Editora Papirus, 1996.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Data de recebimento: 8/4/2020

Data de aprovação: 1/7/2020